



“SER HOMEM É UMA COISA QUE NÃO TEM NADA A VER COM SEXO”: UM ESTUDO ACERCA DA PRODUÇÃO DE SENTIDOS SOBRE MASCULINIDADE POR GAROTOS DE PROGRAMA DE FORTALEZA.

Vinício Brígido Santiago Abreu¹

Resumo: Propõe-se uma reflexão acerca dos sentidos produzidos sobre masculinidade por garotos de programa (GP) da cidade de Fortaleza. Realizaram-se três entrevistas semi-estruturadas, analisadas segundo referencial proposto por M. J. Spink. Dentre os resultados encontrados estão: a masculinidade não sendo definida por uma prática sexual, a virilidade e a masculinidade como questões diferentes, sendo essa última uma “questão de atitude” e a suposta indiferença relatada em relação ao que os outros pensam de suas vivências de gênero. Conclui-se que sentidos atribuídos e produzidos pelos GP sobre masculinidade estão diretamente vinculados à formação de suas identidades, seus posicionamentos de mundo e seus autojulgamentos de valor.

Palavras-chave: prostituição, masculinidade, produção de sentidos.

As novas formas de vivenciar a sexualidade e o gênero vêm agenciando modos de compreensão dessas ideias que desconstroem as divisões binárias que ainda perduram na nossa civilização. A experiência de gênero vem sendo construída pelos indivíduos com elementos fornecidos pelo social, mas sem esquecer a constituição orgânica que ajuda a compor essa ideia, lembrando, entretanto, que esses mesmos elementos orgânicos recebem uma significação que é igualmente social e histórica. Com o intuito de apreender como esses modos de compreensão da sexualidade e do gênero vêm sendo construídos atualmente, elegeu-se como sujeitos da pesquisa apresentada nesse artigo garotos de programa da cidade de Fortaleza. Tal escolha ocorreu devido ao interesse do pesquisador em se aproximar desses trabalhadores tão em voga na mídia devido aos 10 anos de inclusão dessa atividade no Cadastro Brasileiro de Ocupações (CBO) do Ministério do Trabalho e do Emprego (MTE) e da criação de um Projeto de Lei pelo deputado federal Jean Wyllys para a regulamentação da atividade prostitucional no Brasil (baseado em projetos semelhantes como a legislação alemã e os

¹ Mestrando em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará. brigidovini@gmail.com.

projetos de lei arquivados dos ex-deputados Fernando Gabeira e Eduardo Valverde), além disso, os garotos de programa são percebidos aqui como atores importantíssimos no processo de desconstrução da divisão binária de gênero, como se verá nesse trabalho.

Parte-se de uma perspectiva foucaultiana, segundo Corrêa (1996), de que “cada época [...] produz dispositivos específicos no que diz respeito ao exercício das práticas sexuais, às formas institucionais de controle destas práticas e à própria organização social da sexualidade”. Pensando na sexualidade como um construto histórico, opõe-se aqui o Construcionismo – que entende a realidade como uma construção social – ao Essencialismo – que remeteria à existência uma verdade sobre o corpo e sobre a sexualidade, como uma essência – e, dessa forma, rompe-se também com epistemologias tradicionais e, de forma mais intensa, com o Positivismo, pois se concebe uma nova relação entre o sujeito cognoscente e o objeto do conhecimento. A partir desse entendimento da sexualidade, definem-se masculinidade e gênero também como construtos sociais e históricos que deve ser problematizados.

O termo masculinidade, cunhado por volta do século XVIII para explicitar, definir e delimitar os critérios para diferenciar os sexos, caracterizando, nessa época, o monismo sexual a partir da concepção de dimorfismo sexual que instituía que homens e mulheres eram de fato biologicamente diferentes, assim como, os padrões comportamentais de homens e mulheres seriam definidos a partir dos referenciais do que era o masculino, o que era “próprio” aos homens, e a sua negação constituiria o que era “próprio” às mulheres (Weeks apud Coelho, 2006). Essas diferenciações se constituíam a partir e sobre o discurso anatômico e também produziam a forma de conceber a mulher, no caso, compreendida como “um homem invertido, cuja vagina era vista como ‘um pênis interno, os lábios como o prepúcio, o útero como o escroto e os ovários como os testículos’” (Laqueur apud Silva, p.125).

A partir do século XIX, aconteceria o advento do “*two-sex-model*” (Silva apud Coelho, 2006), onde as diferenças iniciais que se percebiam, sejam comportamentais ou anatômicas, legitimaram-se nos âmbitos sociais e políticos, como uma “norma natural do sexo” (Costa apud Silva, p. 125). A diferença comportamental entre os sexos que já havia sido estabelecida e agora se consolidava, transformava-se então em diferenças entre os gêneros masculino e feminino, embora ainda não houvessem concepções teóricas bem formuladas e claras acerca desta ideia. Os homens desta época buscavam se distanciar definitivamente de qualquer aproximação entre o que era feminino ou o que era homossexual, buscando estratégias para fortalecer a ideia de masculinidade,

tanto física quanto psicologicamente. Daí que se fortalece a preocupação com o vigor físico, com as consagradas virtudes tidas como masculinas tais como a coragem, a destreza e o raciocínio, mas também as questões de postura, de vestimenta, de fala, ou até mesmo a capacidade de galantear e conquistar, tudo que transparecesse virilidade e não permitisse entrever qualquer indício de sensibilidade ou de afetação, características designadas ao feminino ou aos homossexuais (Silva, 2006).

No século XX, alguns autores (Villela e Barbosa, 1996) trarão o surgimento do conceito de gênero a partir do advento do feminismo dos anos 60, onde se instalaria a ideia de que a diferença sexual seria proveniente das elaborações culturais. A noção de gênero já estaria elaborada então conforme esta concepção nos anos 70 e 80. Todo este período foi marcado pelo que se pode chamar de “estudo das mulheres” (Giffin, 2005). Entretanto, por mais que as mulheres sejam conhecidas historicamente como as grandes protagonistas desta questão, ou as grandes militantes desta luta, alguns estudos tentam tornar de conhecimento público o chamado “*men’s studies*” (Giffin, 2005), na tentativa de expor que desde há muito eles também produziam estudos sobre como era ser homem, quais os conflitos que enfrentavam e, da mesma forma, também buscavam marcar seu lugar no mundo e de que forma isto se imprimia.

Segundo Araújo (2005), a discussão sobre a masculinidade se aproxima em muitos momentos da história dos caminhos que foram percorridos pelo feminismo. Adotando por vezes o binarismo biológico/social, questionando-se acerca de uma ideia universal de masculino. Até a formação de um pensamento que compreende a existência de uma multiplicidade de masculinidades.

É nesse contexto que se opta nesse artigo por focar o as questões de gênero, particularmente nos sentidos que os garotos de programa dão à masculinidade, uma vez que na prática dessa profissão as questões de gênero e de práticas sexuais são desconstruídas e conceitos binários relativos ao sexo fragmentados. Buscou-se compreender como são produzidos e articulados os sentidos envolvendo masculinidade nas práticas discursivas cotidianas dos garotos de programa. Foram analisados também aspectos da vivência contemporânea de gênero, tomando a atividade prostitucional masculina como espaço particular de expressão da sexualidade.

2. Metodologia

2.1. Participantes

Foram entrevistados três garotos de programa, de idades entre 26 e 31 anos, escolaridade entre 2º grau incompleto e 2º grau completo, residentes na cidade de Fortaleza. Os informantes foram selecionados em seus locais de trabalho de forma aleatória nas visitas realizadas. O número de informantes não foi definido previamente. A metodologia empregada se detém nos aspectos subjetivos da produção de sentido e não necessita de uma amostra que reflita estatisticamente uma população, pelo contrário, são justamente os aspectos individuais que são priorizados.

Quanto às questões éticas, de fundamental relevância, além da prévia aprovação pelo Comitê de Ética da Universidade, resguardou-se a total liberdade dos sujeitos em optar por sua participação no estudo, sem qualquer forma de constrangimento. Manteve-se igualmente garantido o sigilo das fontes de informações e o uso do termo de consentimento pré-informado.

2.2. Procedimentos

As primeiras tentativas de aproximação dos sujeitos dessa pesquisa foram através de anúncios em jornais e sites de internet, porém essas foram infrutíferas. Buscaram-se, então, instituições que de alguma forma possibilitassem o acesso direto a garotos de programa ou que pudessem fornecer informações sobre a configuração da prostituição viril em Fortaleza. Uma dessas instituições foi o GRAB – Grupo de Resistência Asa Branca, ONG que milita na luta pela defesa dos direitos civis de grupos GLBT (Gays, Lésbicas, Bissexuais e Travestis). Através dela, entrou-se em contato com donos de saunas gays e, por meio das indicações de garotos de programa fornecidas por eles, realizar as entrevistas.

Metodologicamente foram realizadas três entrevistas semi-estruturadas. Estas, seguindo o consentimento prévio dos entrevistados, foram gravadas, transcritas e submetidas à análise segundo referencial proposto por Spink, autora que trabalha com o Construcionismo Social em estudos de Psicologia Discursiva, utilizando-se da ideia de “Produção de Sentido”.

2.3. Tratamento dos dados

As análises influenciadas pelo construcionismo focalizam a “fala” enquanto prática discursiva. Desta forma, não se foca o discurso, que não passaria das cristalizações de enunciados de grupos sociais específicos, mas prioriza-se a prática discursiva. Esta toma a linguagem em seu aspecto de prática social, produtora de

subjetividade e de realidade. Em função disto, foi feito um mapa de associação de ideias – instrumento de utilização recorrente nas pesquisas que enfocam a produção de sentido – para tratar da temática produção de sentidos sobre masculinidade. Este mapa possuiu três categorias: “como descreve”, “como explica” e “como eles apreendem o pensamento dos outros”. A determinação dessas categorias não foi feita de forma prévia: o pesquisador deve ler toda a transcrição sem categorizá-la, deixando “aflorar os sentidos” (Spink. 1999), para só depois definir as categorias. Mesmo depois da elaboração inicial das categorias, estas não são estáticas, durante o processo de transcrição do texto para o mapa, num processo de interanimação dialógica (Bakhtin, 2003), as categorias podem ser redefinidas ou submetidas a uma nova dinâmica. Por fim, as transcrições das entrevistas foram repassadas para o mapa de acordo com a concordância com as categorias.

3. Resultados e discussão

Os resultados encontrados foram organizados em três categorias: “como descreve”, “como explica” e “como apreendem os pensamentos de outros”. Abaixo estão apresentados em resumo os principais resultados alcançados.

Percebeu-se claramente a distinção feita nos discursos dos entrevistados entre virilidade e masculinidade, segundo eles, entre o que se aparenta e o que se é. Foram coletadas informações que ligariam a masculinidade a uma “*questão de atitude*” (G104- Entrevista 1) separando esse conceito do de práticas sexuais: “*Ser homem é uma coisa que não tem nada a ver com sexo, entendeu?*” (Fala G104- Entrevista 1), assim como foi relatada uma desvinculação entre o conceito de masculinidade e as definições de gênero tradicionais, utilizando festas gays como exemplificação da fala deles. Para os garotos de programa o fato de não se considerarem homossexuais decorre não devido às práticas sexuais realizadas na atividade prostitucional, mas sim do fato de que, para eles, não há envolvimento subjetivo na execução dessas práticas, visto que elas se realizam apenas por trabalho, por dinheiro, constituindo, portanto, um “sacrifício” realizado devido a necessidade de uma forma de se sustentar: “*Se eu faço isso aqui eu não faço porque eu gosto. Isso aqui eu faço por dinheiro [...] Isso aqui é um trabalho*” (G114- Entrevista 2). Encontramos então o profissionalismo legitimando essa dissociação entre a prática sexual e as questões de gênero. Assim, eles demonstram um tipo de pensamento no qual o ser se define em função do que pensa e não do que faz,

apresentando também certa indiferença em relação ao que os outros pensam da masculinidade deles em função da atividade prostitucional.

O gênero aparece enquanto vivência, possuindo flexibilidade, e não como algo preso em estruturas, em uma das falas pode-se perceber a intensidade desse pensamento: *“se eu quiser trepar com uma mulher, com animal ou com homem, isso é problema meu”* (G108 - Entrevista 1). Sendo assim, o gênero se expressa como uma questão estritamente pessoal, particular. *“E hoje eu tou falando assim, mas ninguém tem necessidade de tá falando isso pra ninguém.”* (G108- Entrevista 1). Por outro lado a questão da venda da virilidade e da necessidade de se posicionar de forma “masculina” também surgiu em suas falas. Um dos garotos de programa, declaradamente homossexual, afirmou que *“encontrar garoto de programa que vá se definir assim [como homossexual] é muito difícil [...]”* (G108 - Entrevista 1). Podemos então perceber que há um embate entre a problemática de se posicionar frente às questões de gênero e aos dilemas da profissão, o que dificulta a escolha, opção ou simples afirmação de uma orientação sexual específica.

Os garotos de programa entrevistados apresentaram no que tange a categoria afetividade, uma tentativa profissional de transformar não só o corpo, mas também o afeto em mercadoria. De forma a obter uma relação estritamente comercial e profissional: *“[...]o garoto ele tem que tá com sensibilidade pra fazer o que o cliente quer. Tem cliente que chega lá quer abraço quer beijo, (...) E o que eu tenho que fazer é dar...”*. Eles têm, então, que, além de trabalhar com seu corpo e proporcionar prazer ao outro através de dele, saber proporcionar uma satisfação emocional, afetiva no cliente. Dessa forma o garoto de programa se incumbe de criar um papel para cada cliente, realizando as fantasias sexuais e emocionais demandadas: *“Porque tem cara que gosta de ver você sentir prazer. O cara tá te pagando, ele não quer um boneco, às vezes ele quer se sentir desejado, entendeu? Então, ele quer se sentir desejado, então ele quer ouvir você gemer de prazer... Quer ficar perguntando se você tá gostando. Se você disser assim: ‘Não to não’ (com bastante ênfase). Você tem que tá, entendeu? Ai... é assim cara, ele quer ouvir isso [...]”*.

Os garotos de programa teriam como atuação profissional principal a produção de um cenário de prazer. A maioria dos clientes os busca para se beneficiarem numa relação que lhes proporcione prazer. Nas falas dos entrevistados, pode-se perceber a dimensão “teatral” da composição deste cenário. O garoto de programa assumiria um papel: *“Eu tou trabalhando pra ele, pra mim é um papel que eu tou fazendo”*. A

“direção” deste teatro se daria em função do desejo particular do cliente, que organiza os papéis segundo suas exigências subjetivas. Muitas vezes além da instrumentalização do corpo, pretende-se também instrumentalizar a afetividade, correspondendo à demanda de clientes que por vezes demonstram carências afetivas. Assumindo um papel, funcionando como ator, utilizando-se da representação em prol dos desejos do cliente.

É importante atentar para o fato de que, nesta entrevista, não apareceu nenhuma fala no quadro “o que os outros pensam”, o que denota ainda mais a ideia de que as questões de gênero e o sentido atribuído a elas são de cunho exclusivamente pessoal.

4. Conclusão

Quando se optou por trabalhar as questões de gênero dentro do contexto da prostituição viril, imaginava-se que, por conta da aparente liberdade com que o corpo é tratado nesta ocupação, os sentidos sobre masculinidade seriam completamente novos, subversivos. O que surpreendeu foi que, mesmo neste cenário, pensamentos tradicionais continuam presentes, através de termos utilizados, por exemplo, ou até mesmo através de argumentações operando numa lógica tradicional em relação às questões de gênero. No entanto, por outro lado, aparecem argumentos novos, que desvinculam as questões de gênero completamente do corpo, fragmentam concepções binárias e criam-se práticas não possíveis de classificações.

O mais interessante, porém, é perceber como os sujeitos falantes se posicionam no meio desta complexa rede discursiva, permeada desde discursos tradicionais até os mais contemporâneos e aparentemente libertários. E este se tornou o maior intuito da pesquisa aqui apresentada: buscar compreender como o sujeito, através de sua fala, encontrava um lugar de encaixe para si. É desta forma que se trabalha com a produção de sentidos nas práticas discursivas, o intuito não é “absorver” um sentido oculto, mas identificar as marcas deixadas pelos sujeitos neste cenário discursivo, identificar como o sujeito compõe o seu personagem de si mesmo.

Apesar de serem trabalhadas somente três transcrições nessa pesquisa, acredita-se que isso não foi de forma alguma um obstáculo. A produção de sentido é de ordem subjetiva – não se fala aqui de uma subjetividade isolada e desconexa, mas sim de uma que é composta por aquilo que a transcende por conceito: o coletivo, o social etc. Isto pode ser observado quando se analisa atentamente as transcrições das três entrevistas,

que envolvem sujeitos que se posicionam frente à questão da masculinidade de forma totalmente diferente.

As falas dos garotos de programa foram de fundamental importância para se perceber como essa atividade ainda sofre preconceitos sociais. Os sentidos negativos produzidos acerca dessa profissão são criados e propagados também por seus próprios atores. Com isso o respeito à cidadania dessas pessoas é deixada de lado e seus papéis sociais, subjulgados. Os sentidos atribuídos e produzidos pelos garotos de programa sobre masculinidade estão diretamente vinculados com a formação de suas identidades pessoais, seus posicionamentos diante do mundo e seus autojulgamentos de valor.

Conclui-se na busca de ultrapassar os muros da academia, estendendo-se para além de um interesse que surgiu nesse ambiente sob contingências tão (de)limitadas uma prática profissional tão marginalizada. Busca-se, mais do que tentar representar fidedignamente a realidade através da, tantas vezes, pobre linguagem acadêmica, apontar pontos de fuga, onde a realidade extrapola as palavras; apontar o potencial sempre ativo da produção de sentido. A visibilidade desse trabalho deve reverberar socialmente para que esses sujeitos possam vir a ser respeitados como cidadão, como trabalhadores.

8. Referências Bibliográficas

ALVES, J. E. D. A Linguagem e as Representações da Masculinidade. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Ciências Estatísticas, 2004.

ARAÚJO, M. de F. Diferença e igualdade nas relações de gênero: revisitando o debate. *Psicologia Clínica*. vol.17 no.2 Rio de Janeiro 2005. p. 41- 52. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-56652005000200004&script=sci_arttext> . Acesso em 07 de junho de 2007.

BAKHTIN, M. M. *Estética da Criação Verbal*. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003

CITELI, M. T. Fazendo diferenças: teorias sobre gênero, corpo e comportamento. *Revista Estudos Feministas*. vol.9 no.1 Florianópolis 2001 p. 131-145. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2001000100007&lng=pt&nrm=iso> . Acesso em 07 de junho de 2007.

COELHO, J.F.J. “Justo quando a lagarta achava que o mundo tinha acabado, ela virou uma borboleta”: uma compreensão fenomenológica da travestilidade, a partir de narrativas. 2006. Monografia. Curso de psicologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

CORRÊA, S. Gênero e sexualidade como sistemas autônomos: idéias fora do lugar? In Parker, Richard & Barbosa, Regina (orgs). *Sexualidades brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.

- COSTA, J. F. A Inocência e o Vício. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.
- FOUCAULT, M. As Palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências. 7.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- GIFFIN, K. A inserção dos homens nos estudos de gênero: contribuições de um sujeito histórico. *Ciência & Saúde Coletiva*. vol.10 no.1 Rio de Janeiro Jan./Mar. 2005
- GOMES, R. A construção social da masculinidade. *Cadernos de Saúde Pública*. [online]. 2006, vol.22, no.5, maio. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2006000500027&lng=en&nrm=iso>. ISSN 0102-311X>. Acesso em: 26 nov. 2006
- GREINER, C. (Org.), AMORIM, C. (Org.). *Leituras do Sexo*. São Paulo : Annablume, 2006.
- LINS, D. (org.). *A Dominação Masculina Revisitada*. São Paulo: Papyrus, 1998.
- MACHADO, V. *As várias dimensões do masculino: traçando itinerários possíveis*.
- MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. Portaria 397/2002 – CBO – Classificação Brasileira de Ocupações. Brasília: MTE, 2002.
- MONTEIRO, M. Corpo, Moda e Masculinidade: mudanças na masculinidade a partir dos anos 60. In: reunião da ANPUH. 2000: São Paulo.
- PERLONGHER, N. **O Negócio do Michê**: prostituição viril. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- ROBERTS, N. *As Prostitutas na História*. Rio de Janeiro: Record:Rosas dos Tempos, 1998.
- SANT'ANNA, D. B. Transformações do corpo: controle de si e uso dos prazeres. In: RAGO, M., ORLANDI, L.B.L., VEIGA-NETO, A (orgs). *Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p.99- 110.
- SILVA, S. G. da. A crise da masculinidade: uma crítica à identidade de gênero e à literatura masculinista. *Psicologia: ciência e profissão*., mar. 2006, vol.26, no.1, p.118-131. ISSN 1414-9893. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932006000100011&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em 07 de junho de 2007.
- SILVA, S. G. da. Masculinidade na história: a construção cultural da diferença entre os sexos. *Psicologia: ciência e profissão* . v.20, n.3, set. 2000. [citado 05 Diciembre 2006], p.8-15. Disponível em: <http://scielo.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932000000300003&lng=es&nrm=iso>. ISSN 1414-9893. Acesso em 26 nov. 2006
- SOUSA, I. de. *O Cliente: o outro lado da prostituição*. São Paulo: Annablume: Secretaria da Cultura e Desporto, 1998.
- SPINK, M. J. *Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano: Aproximações Teóricas e Metodológicas*. São Paulo: Cortez, 1999.
- VILLELA W, BARBOSA RM. Repensando as relações entre gênero e sexualidade. In: Parker R, Barbosa MR, organizadores. *Sexualidades brasileiras*. Rio de Janeiro: Relumé Dumará; 1996. p. 189-99.

WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, G. L. (org) O corpo educado. Pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. 2^a.ed. p.35-82.